

Eles o estado, estes os infiltrados e nós 2013

They the state, these the infiltrators and us 2013

HEVELIN COSTA

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro - Brasil

RESUMO

O fim de 2012 foi tão estranho quanto o de 2010, quando carros foram queimados nos bairros de Laranjeiras e Flamengo, com uma das ações mais violentas televisionadas 24 horas seguidas, demonstrando o poder da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Assim, em meio a toda essa tensão política e na minha vida, passei a fotografar as jornadas de junho de 2013 de corpo e alma, buscando conhecer e participar das diversas frentes políticas que essas jornadas abarcavam, que apresento neste ensaio visual. No Google Maps, a cidade era apenas um território mágico de montanhas verdes entre céus e mares azuis, disponível para ser desmontada e reconstruída sem a participação da população que aqui vive. O apagamento desses territórios não era um projeto sem intenções. Marca da colonização, o apagamento histórico no Rio de Janeiro faz parte de todo um contexto sociocultural recorrente.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia, narrativas, auto-organização, ensaio visual

ABSTRACT

The end of 2012 was as strange as that of 2010, when cars were burned in the neighborhoods of Laranjeiras and Flamengo, with one of the most violent actions broadcast live for 24 hours, demonstrating the power of the Military Police of Rio de Janeiro. Thus, amidst all this political tension and in my life, I began to photograph the June 2013 protests with all my heart, seeking to know and participate in the various political fronts that these protests encompassed, which I present in this visual essay. On Google Maps, the city was merely a magical territory of green mountains between blue skies and seas, available to be dismantled and rebuilt without the participation of the population living here. The erasure of these territories was not a project without intentions. A mark of colonization, the historical erasure in Rio de Janeiro is part of an ongoing sociocultural context.

KEYWORDS

Photography, narratives, self-organization, visual essay



Figura 1. Costa, Hevelin. Guarani Kaiowá, 29 de outubro de 2012, Rio de Janeiro-RJ. Fotografia digital.



Figura 2. Costa, Hevelin. Ato Guarani Kaiowá, 29 de outubro de 2012, Rio de Janeiro-RJ. Fotografia digital.



Figura 3. Costa, Hevelin. Ato Guarani Kaiowá, 29 de outubro de 2012, Rio de Janeiro-RJ. Fotografia digital.

Lembro que, em 2012 (Figura 1), dois atos chamaram minha atenção: a luta dos povos Guarani-Kaiowá (Figura 2), na qual grande parte da população se uniu (Figura 3), principalmente contra a usina hidrelétrica de Belo Monte. Em meio a toda essa tensão política, passei a fotografar as jornadas de junho de 2013 de corpo e alma, buscando conhecer e participar das diversas frentes políticas que essas jornadas abarcavam. Logo no primeiro ato, no dia 13 de junho de 2013 (Figura 4), vi uma intensa movimentação de jovens inconformados com a situação da cidade e com os novos planos de urbanização elaborados sem a participação popular (Figura 5). Um exemplo é o caso da linha quatro do metrô, que no projeto inicial passaria pelo Jardim Botânico e Gávea, planos que mudaram por medida de famílias influentes do bairro, que não desejavam que o metrô circulasse ali.

Em 2011, o Rio de Janeiro era um canteiro de obras. Para sair da Ilha do Governador, era necessário enfrentar um trânsito intenso na Linha Vermelha, devido à construção da Ponte do Saber, que deveria ser uma alternativa ao tráfego da Linha Vermelha e fazer a ligação com a Cidade Universitária da UFRJ.

Acho que foram seis meses de atraso, e as obras ocorriam no horário de saída para o trabalho. Era inviável viver nessa cidade; o inferno para estudar e trabalhar começava às sete da manhã.

Foram mais de um ano de obras, com algum tempo de paralisação para recalcular o encontro das duas extremidades da ponte (elas estavam se desencontrando).

De dentro do ônibus, no calor do verão, sem ar-condicionado, parada naquele trânsito, eu via que alguém naquela construção tinha cometido um erro que atrapalhava a vida de milhões de suburbanos que não voam de helicóptero sobre a cidade.

O trajeto levava mais de duas horas entre ida e volta, ou seja, em um ano eu gastava mais de 960 horas em deslocamento para fazer aquilo que alguns dos meus colegas de faculdade tinham acesso fácil: estudar e conseguir boas oportunidades de emprego.

Então, naquela altura de 2013, depois de anos de inferno sob o desgoverno na cidade, decidimos enfrentar o planejamento zero em busca do nosso bem-estar, saúde, cultura e educação, nesse território tão dividido por classes.

No Google Maps, a cidade era apenas um território mágico de montanhas verdes entre céus e mares azuis, disponível para ser desmontada e reconstruída sem

a participação popular. O apagamento desses territórios nunca foi um projeto sem intenções. Marca da colonização, o apagamento histórico no Rio de Janeiro faz parte de um contexto sociocultural recorrente.

É importante salientar que inúmeros amigos voltaram para seus estados em decorrência da explosão dos valores de aluguéis, dos imóveis, da alimentação e das passagens.

O jargão da passagem ganhou força não apenas em alusão ao valor pago pelo transporte, mas também devido à desidratação e ao enjoo dos nossos corpos, além do impedimento de sair dos bairros distantes do centro.

Inúmeras linhas que circulavam do centro para a zona sul foram extintas; um exemplo era a baldeação da Lapa para Laranjeiras, que não existe mais. O centro foi todo modificado, com obras para todos os lados, e o trânsito não melhorou. Mesmo assim, muito dos cofres públicos foi gasto, e nós, jovens, perguntávamos para quê e em quê.

Cabral era um governador corrupto, que fez alianças com empresários que lucraram com essas modificações, resultando principalmente nas remoções por toda a cidade. As primeiras remoções ocorreram na região da Gamboa, onde havia uma importante ocupação anarquista (Flor do Asfalto), logo depois do túnel, atrás da Central.

Esse espaço era fundamental para o território. Ali, nós, jovens de várias regiões da cidade, nos encontrávamos ao voltarmos para casa no fim do dia. Foi assim que conheci a ocupação, por volta de 2009, em um ato do Movimento Passe Livre organizado pelos estudantes da rede pública.

A desocupação desses territórios, os megaeventos e a falta de atenção às demandas sociais provocaram uma grande revolta na juventude em 2013. No dia 17 de junho de 2013, quatro dias depois do último ato contra o aumento das passagens, tivemos mais uma vez uma marcha que saía da Cinelândia até a ALERJ, liderada pelo Movimento Passe Livre.

Esse foi um ato muito maior, envolvendo não apenas jovens estudantes, mas também a população trabalhadora do centro. Durante a ocupação da escadaria da ALERJ, a polícia não permitiu que os manifestantes se aproximassem das portas (Figura 6).

Em um determinado momento, todas as luzes se apagaram e iniciou-se um bombardeio (Figura 7). A população não recuou, subindo as escadarias e colocando

fogo nos portões. A polícia reagiu com tanta violência que, no dia seguinte, as notícias se espalharam nas redes sociais.

Logo, outro ato foi marcado para o dia 20 de junho de 2013, dessa vez com uma pauta unificada e bem definida: o fim da violência militar. O ato contou com milhões de pessoas nas ruas.

Nessa noite, eu não parei de andar por manifestações que se espalharam pela Lapa, Glória, Catete, Flamengo e Laranjeiras. A manifestação ocorria tranquilamente na Avenida Presidente Vargas, reunindo diversas frentes de esquerda. Lembro nitidamente do movimento Reage Artista chamando pessoas para fazer performances na rua. Além disso, participaram também coletivos anarquistas, estudantes de escolas públicas e organizações partidárias de esquerda. Naquele dia também estavam na rua muitos revoltados contra a Copa do Mundo (Figura 8), reivindicando saúde, educação e o fim da violência policial com os gritos "A violência policial desceu a favela", "Chega de moralismo" e "sem violência".

Na noite de 20 de junho, depois de conseguir sair da prefeitura, onde novamente todas as luzes foram apagadas (Figura 9), encontrei diversas ruas fechadas com barricadas e a polícia fazendo emboscadas em várias encruzilhadas. Presenciei, na minha frente, na Rua dos Correios da Cidade Nova, a polícia fugindo dos *Black blocs* em meio ao fogo e à densa fumaça.

Eram várias bombas no ar, caindo em todos os lados. O medo era de que uma bomba caísse sobre nós, o que alertou os jornalistas para a necessidade de uso de capacetes, além das máscaras de gás. Nesse momento, eu não conseguia fotografar, apenas fugir das bombas e das emboscadas, até chegar novamente à Cinelândia (Figura 10).

As pessoas faziam escudos com os tapumes das obras e "caíam para cima". No dia seguinte, o vídeo do carro blindado (caveirão) do Batalhão de Operações Especiais (Bope) dando ré em plena Avenida Presidente Vargas em direção a um grupo de jovens foi o mais divulgado.



Figura 4. Costa, Hevelin. Escadaria da ALERJ, 13 de junho de 2013, Rio de Janeiro-RJ. Fotografia digital.



Figura 5. Costa, Hevelin. Presidente com manifestantes na volta da escadaria da ALERJ, 13 de junho de 2013, Rio de Janeiro-RJ. Fotografia digital.



Figura 6. Costa, Hevelin. Batalha da ALERJ, 17 de junho de 2013, Rio de Janeiro-RJ. Fotografia digital.



Figura 7. Costa, Hevelin. Batalha da ALERJ, quando as luzes se apagaram. Fotografia digital.



Figura 8. Costa, Hevelin. Manifestantes, 20 de junho de 2013, Rio de Janeiro-RJ. Fotografia digital.



Figura 9. Apagão na Presidente Vargas, 20 de junho de 2013, Rio de Janeiro-RJ. Fonte do autor.



Figura 10. Costa, Hevelin. Manifestante na volta da Presidente Vargas, 20 de junho de 2013, Rio de Janeiro-RJ. Fotografia digital.

Sobre a autora

Hevelin Costa é doutoranda PPGARTES/UERJ. Possui licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade Santa Úrsula (2011). Atualmente é bolsista Capes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de artes, com ênfase em fotografia contemporânea. Atua principalmente com fotografia, arte contemporânea e ensino.

hevelin.costa@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2006825076484329>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0777-1735>

Recebido em: 30-06-2024 Aprovado em: 22-10-2024

Como citar

COSTA, Hevelin. Eles = o estado, estes = os infiltrados e nós = os 2013. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 5 n. 2, *n.p.*. jul. – dez. 2024. <https://doi.org/10.14393/EdA-v5-n2-2024-75660> **[versão ahead of print]**